

Sobre Roland, o heróico sobrinho de Carlos Magno, já nos referimos na introdução. Quanto ao "Heptaméron", escrito por Marguerite d'Angoulême, Rainha de Navarra (1559), trata-se de 72 contos bem à imitação do "Decameon" de Boccaccio; "Mireille", o célebre poema de Frederic Mistral, tem a data de 1859, sendo composto por 12 cantos, escrito em provençal. Luis da Câmara Cascudo descobre vários traços ou presenças destes livros ao longo da nossa cultura cabloca. Uma série de "folk-motifs", contos, anedotas, casos, estórias que correm pelo nosso interior, quer através da divulgação da literatura de cordel, ou simplesmente através da transmissão oral, têm sua inspiração nestas obras clássicas da literatura francesa. Além da aproximação do texto de tais obras com suas "presenças" no Brasil, o Autor reconstrói, desde que possível, as vias contato de tais livros com o ambiente rural brasileiro.

Como se vê, o trabalho de L. A. Cascudo apresenta uma original contribuição para o estudo de alguns segmentos de nossa cultura popular: fruto de anos de pesquisa bibliográficas, investigações minuciosas dos relatos e estórias dos antigos, estes 5 ensaios constituem um documento interessante para futuros estudos globalizadores da "folk-culture" brasileira. — LUIZ MOTT.



VERGER, PIERRE — *O Fumo da Bahia e o tráfico dos escravos do Golfo de Benim*. Publicação do Centro de Estudos Afro-Orientalis da Universidade Federal da Bahia, Salvador, n.º 6, 1966; 39 pp.

O Centro de Estudos Afro-Orientalis da Universidade da Bahia foi fundado em 1959, e tem como objetivo estabelecer relações culturais, no sentido mais amplo, entre o Brasil e os países da África e Ásia, e de preparar especialistas, em vários campos do saber e da ação, em relação àquelas áreas culturais, económicas e políticas. Dentro das programações deste Centro de Estudos, encontramos a publicação de alguns opúsculos, entre os quais destacam-se: "Usos e Costumes Angolanos", de Oscar Ribas (1964); "Carta da Organização da Unidade Africana" e "Carta Universal dos Direitos dos Homens" (1964); "A Civilização Árabe", de A. S. Ayad (1965). É de 1966 o livro de Pierre Verger, anteriormente publicado na *Revue d'Etudes Africaines*, n.º 15, com o título original "Rôle joué par le tabac de Bahia dans le traite des esclaves au Golfe du Benim". Seu Autor é "Chagé de Recherches" do CNRS de Paris, assim como "Reserch Associated" do African Institut of Studies da Universidade de Ibadan, Nigéria. Entre suas publicações, salientam-se "Dieux d'Afrique" (1954); "Notes sur le culte des Orisha et Vodou, à Bahia de Todos os Santos au Brésil et la Côte des Esclaves en Afrique" (IFAN, 1957); "Le Fort de St. Jean-Baptiste d'Ajuda" (Memoire n.º 1 do IRAD, Pôrto Novo).

Para o presente trabalho, Pierre Verger fez consultas nos Arquivos Públicos e Bibliotecas das cidades de Salvador, Rio de Janeiro, Lisboa, Paris, Londres e Nigéria.

Partindo do esquema cronológico sugerido por Luis Viana Filho em seu livro "O Negro na Bahia" (1946), o Autor divide o tráfico de escravos na Bahia em 4 períodos:

- 1.º) O ciclo da Guiné, durante a segunda metade do século XVI.
- 2.º) O ciclo de Angola, e do Congo, no século XVII.
- 3.º) O ciclo da Costa da Mina, durante os três primeiros quartos do século XVIII.
- 4.º) O ciclo da Baía de Benim, entre 1770 e 1850 (achando-se aí incluído o período do tráfico clandestino).

Nas três fases iniciais, a mercadoria utilizada do escambo foi ora o ferro, ora os produtos manufaturados europeus, o ouro, para se fixar nos fins do século XVIII numa mercadoria crioula, a caber, o fumo. Segundo o Autor, desde o século XVII que as plantações de fumo tinham aumentado de importância e tendiam a deixar passar para um segundo plano as de cana-de-açúcar. O fumo de 1.^a e 2.^a classe era destinado à Metrópole, enquanto o refugo (de 3.^a classe) ficava para o consumo interno da Colônia, e para a permuta nas costas africanas. Devido à sua má qualidade, tal fumo era tratado de maneira mais cuidada, sendo os rolos sobejamente untados com o melaço, tão do gosto dos fumantes africanos.

“O papel econômico primordial representado pelo fumo nas relações diretas estabelecidas entre a Bahia e a Costa da Mina acha-se claramente indicado nas instruções passadas a 10 de setembro de 1799, ao Marquês de Valenca, nomeado Governador da Bahia:

“É preciso notar, dizia-lhe o ministro das Colônias, que o fumo do Brasil é tão necessário para se fazer o tráfico dos negros, quanto estes mesmos negros o são para a manutenção da América portuguesa. As outras nações que têm colônias estão nas mesmas condições; nenhuma delas pode passar sem escravos e todas têm necessidade de nosso fumo para o tráfico dos negros. Nessas condições, como somos os únicos donos desse precioso produto, com seu auxílio poderíamos regulamentar o comércio, tirar desta costa, não sómente todos os escravos quantos sejam necessários, como negociar com esse fumo em troca de ouro, marfim, e cera, que são as principais exportações.” (pp. 14-15).

Deste modo, o A. se ocupa em mostrar como se configurava tão importante comércio, sua organização através de mais de 80 anos que antecederam à extinção do tráfico, suas oscilações e fases.

Comparando os relatos dos viajantes do século passado que visitaram a Bahia, com as precárias estatísticas que sobreviveram à destruição comandada pelo Ministro da Fazenda da nova República Brasileira, Ruy Barbosa, o Autor nos faz vislumbrar o quanto importante foi na Bahia a cultura Ioruba. Um viajante inglês de nome George Gardner, escrevia em 1887:

“O estrangeiro em visita à Bahia, mesmo vindo de outras províncias do Brasil, tem a atenção atraída pelo aspecto dos negros encontrados nas ruas. São os mais belos que se possa ver no país; homens e mulheres de estatura alta, bem feitos, inteligentes em geral, alguns deles sendo mesmo sofivelmente instruídos na língua árabe. Foram quase todos importados da Costa do Ouro (Mina); e não sómente por sua maior robustez física e intelectual, como também por serem mais unidos entre eles, mostram-se mais inclinados aos movimentos revolucionários do que as raças mistas das outras províncias.” (p. 34).

Concluindo, mostra Pierre Verger como foi real esta constatação do viajante inglês: a concentração de negros da nação Nagô na Bahia (diferentemente do resto do país onde predominavam escravos do grupo Banto), foi responsável por revoltas e subversões que chegaram a perturbar o equilíbrio da cidade de Salvador, ou a segurança dos habitantes das cidades vizinhas.

Como se vê, o livro deste ilustre africanista, embora delgado, representa um esforço sério na reconstrução histórica de uma minoria étnica, cuja presença ainda se faz sentir na sociedade baiana dos nossos dias, e cujo conhecimento se torna indispensável para quantos desejam estudar em profundidade certos problemas sócio-antropológicos como religiões africanas na Bahia, relações raciais entre brancos e pretos na cidade de Salvador, história do tráfico negreiro, etc.

Esperamos que o Centro de Estudos Afro-Orientalis continue sua programação de publicações sobre problemas referentes ao Brasil e os demais países d'Africa e Ásia, mantendo o bom nível deste trabalho de Pierre Verget. — LUIZ MOTT.